

Mulheres Judias em tempos de vazio do pensamento

Rudião Rafael Wisniewski¹

Resumo: O presente artigo objetiva investigar como é representada a discriminação racial e de gênero em *The Nature of Blood* (1997), de Caryl Phillips, apresentando o conceito de “banalidade do mal”, tal qual proposto por Hannah Arendt. Com o apoio dos fundamentos teóricos de Beauvoir, Bordieu, Cytrynowicz, Freud, Kant, entre outros, averiguou-se de que forma como o preconceito está presente na vida – levando à morte – das personagens Eva e Margot Stern, representantes de duas minorias: mulheres e judeus. Conclui-se que o vazio de pensamento permitiu que os horrores da Shoah fossem praticados e, caso não sejam observados e evitados, podem ser repetidos, pois ainda há casos de exclusão e marginalização motivados por questões raciais e casos de violência contra a mulher, fruto da banalidade do mal da hegemonia masculina.

Palavras-chave: Mulheres judias. Banalidade do mal. *The Nature of Blood*.

*Banalidade do mal,
Um retrocesso, imoral,
Pensou a Poeta, um dia...
E veio à tona o temor
De, ante tanto desamor,
Não haver mais poesia.
Como pensar poesia*

¹ Mestre em Letras - Literatura, pela URI-FW. Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual do Instituto Federal Farroupilha, Câmpus Panambi. E-mail: rudião@pb.iffarroupilha.edu.br.

| | | | | | |
|-----------------------------|----------------------|-------|-------|--------------|--|
| Revista Língua & Literatura | Frederico Westphalen | v. 15 | n. 24 | p. 123 - 141 | Recebido em: 23 maio 2013. Aprovado em: 22 ago. 2013. |
|-----------------------------|----------------------|-------|-------|--------------|--|

*(Que a luz humana irradia),
Diante de tal horror?
Tormento que assola a gente,
Que torna o ser impotente,
Perplexo, puro estupor?
Como entender tanta injúria,
Tanta atividade espúria,
Maldosa, feroz, insana?...
A revelação mais dura
Da face mais obscura
Da natureza humana...
Quantas ilusões perdidas,
Infâncias interrompidas,
Esperanças decepidas
Quantas lúbricas medidas
Transformando sobrevidas
Em almas atormentadas...
Infelizmente herdamos
Todos nós, que aqui estamos,
Esse espólio de maldade.
Como vítimas de um Fausto
Sobre as cinzas do Holocausto,
Caminha a Humanidade.
Mas podemos, conscientes,
Eliminar as sementes
Que a intolerância traz.
Acabar com toda guerra,
E reinventar a Terra,
Dar-lhe um futuro de paz...
[...]
O inferno do Holocausto,
Algoz, fruto da infâmia,
Não pode ser repetido!
E justamente por isso
Não pode – e não deve – ser
Nunca, jamais, esquecido!*
Oriza Martins, *Cinzas do Holocausto*

A vida não existe em um vácuo. Mais do que vistos em sua unicidade, eventos devem ser compreendidos no seio de uma cadeia de relações causais, entremeados em e urdidos através de complexas relações entre passado e presente. Assim, comparações entre atitudes assumidas pelo ser humano em diferentes momentos históricos tornam-se pertinentes.

O desrespeito à identidade do outro, marginalização, exclusão, através de preconceitos irracionais, privando pessoas de seus lares e mesmo de viver, revela-se uma maldade tão grande que se chega a duvidar da capacidade de pensar, inata ao ser humano. Hannah Arendt atribui a gênese das atitudes maléficas ao que chama de “vazio de pensamento”. Essa “ausência de pensamento”, “irreflexão” ou “superficialidade”, como a autora nomeou tal fenômeno ao longo de sua obra, só pode ser compreendida em contraste com seu positivo: o pensar. Arendt situa o pensamento entre as *energeia*,

aqueles atos que (como o de tocar flauta) têm o seu fim em si mesmos e não deixam nenhum produto, externo e tangível, no mundo que habitamos. Não podemos datar o momento em que essa necessidade começou a ser sentida; mas simplesmente a linguagem e tudo aquilo que conhecemos sobre épocas pré-históricas e sobre mitologias cujos autores não podemos identificar nos dão certo direito de supor que essa necessidade é contemporânea ao aparecimento do homem sobre a Terra (ARENDR, 2008, p. 149).

Sendo a reflexão uma característica própria do ser humano, o vazio de pensamento é uma atividade humana degenerada, que impede as pessoas de se sensibilizarem em relação a seus semelhantes. Independente da situação alheia, o ser irreflexivo ou superficial age de acordo com sua própria necessidade, buscando realização e satisfação pessoal, sem se importar com o que será tirado do outro. Essa atitude tem levado, por exemplo, à usurpação de propriedades, da família, da dignidade e mesmo da vida em certos contextos de exceção, como é o caso de populações submetidas a sistemas totalitários.

Apesar de o conceito arendtiano de “banalidade do mal” não ter sido definido, pode-se entendê-lo a partir dos escritos da pensadora sobre como o homem tornou-se prisioneiro da neces-

sidade e do supérfluo, deixando de respeitar os direitos alheios. Ao invés de pensar coletivamente, passa a ser um *animal laborans*, sem relações humanas, sem consciência moral, sem vontade, sem julgamento, praticando o mal de forma banal.

O julgamento de Adolf Eichmann, um dos arquitetos da “solução final” nazista, levou a filósofa a aprofundar suas reflexões a respeito do tema. Arendt já escrevia sobre o fascismo – outro sistema totalitário – desde a década de 40, afirmando a necessidade de não oposição direta e sistemática ao horror apenas, pois poderia simplesmente condenar o opositor, o que não resolveria o problema do totalitarismo. Convém tentar participar do diálogo interminável a respeito da essência do sistema totalitário, haja vista que, ao compreender o outro e suas razões, é que será de fato possível lutar contra o tal sistema.

Arendt sabia que isso não é tarefa fácil. Para tanto, desenvolveu uma maneira própria de escrever, distinta da dos filósofos famosos de sua época, pois não usava muitos jargões filosóficos. Foi uma pensadora política e escritora clara, escrevendo para o público em geral, não apenas para plateias acadêmicas, pois sabia a importância da maior quantidade possível de pessoas conhecerem e refletirem sobre os temas de que tratava. Enquanto correspondente da revista “The New Yorker”, durante o julgamento de Eichmann – de abril a junho de 1961 –, Arendt percebeu que, mais do que um julgamento, o episódio deveria vir a se constituir em uma lição, uma advertência a quem tivesse praticado ou cogitasse praticar atos considerados monstruosos, como os do réu².

De família alemã, o único dos cinco filhos de Karl Adolf e Maria Eichmann a não terminar a escola secundária, Adolf viu no nazismo a chance de ascender socialmente, concretizada com sua participação na chamada “solução final”, a deportação de judeus para campos de trabalhos forçados e o genocídio. Sua mente, um tanto arrivista, cria que a melhor forma de galgar espaço no governo hitleriano seria tornando-se um exímio cumpridor de ordens, o que praticava com um vazio de pensamento que o levou à arquitetura de crimes hediondos no exercício de sua profissão, quando deportou e mandou exterminar milhões de seres huma-

² Eichmann foi condenado por todas as acusações, inclusive a de crime contra a Humanidade, sendo enforcado em 2 de junho de 1962, na prisão de Ramla, perto de Tel Aviv. Esta foi a única execução feita pela lei israelita, que não prevê a pena de morte.

nos como quem conduz o gado para ser abatido.

Arendt observou no réu uma completa irreflexão a respeito dos atos praticados: não havia ódio pelos judeus no seu coração, apenas pouca inteligência, uma mediocridade e obediência que o levaram a cometer atrocidades por não ter consciência do outro enquanto tal:-

Foi essa ausência de pensamento – uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de parar e pensar – que despertou meu interesse. Será o fazer-o-mal (pecados por ação e omissão) possível não apenas na ausência de ‘motivos torpes’ (como a lei os denomina), mas de quaisquer outros motivos, na ausência de qualquer estímulo particular ao interesse ou à volição? Será que a maldade – como quer que se defina esse estar ‘determinado a ser vilão’ – *não* é uma condição necessária para o fazer-o-mal? Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar? Por certo, não, no sentido de que o pensamento pudesse ser capaz de produzir o bem como resultado, como se a ‘virtude pudesse ser ensinada’ e aprendida – somente hábitos e costumes podem ser ensinados, e nós sabemos muito bem com que alarmante rapidez eles podem ser desaprendidos e esquecidos quando as novas circunstâncias exigem uma mudança nos modos e padrões de comportamento (ARENDRT, 2008, p. 19).

Após esses questionamentos, e a constatação de que Adolf Eichmann não tinha nenhum distúrbio, nem havia se esquecido das boas maneiras, e mais, nem sentia remorso pelas brutalidades cometidas, é que Arendt desenvolveu o conceito de “banalidade do mal”. Para compreendê-lo, ela se vale do conceito kantiano de “mal radical”.

Em relação ao termo ‘mal radical’, Kant o tomou de Baumgarten (Preleções, 1773). Já o termo *radical* vem de toda uma tradição neoplatônica, agostiniana, sem esquecermos também de Leibniz e toda a escola que o segue. *Radical* significa *limitatio*. O *radical* é, conforme Leibniz, a finitude original da criatura (SOUKI, 1998, p. 19).

O conceito em questão apresenta quatro pontos fundamentais: a disposição original para o bem na natureza humana,

a propensão para o mal na natureza humana, a maldade inata do homem e a origem do mal na natureza humana. O primeiro trata de uma predisposição primeira do ser humano para o bem, pois é livre para ser bom, sendo possuidor de três elementos de determinação: sua animalidade, enquanto ser vivo; sua humanidade, como ser vivo e racional; sua personalidade, por ser racional e responsável. A primeira determinação é desprovida de razão, a segunda possui razão prática, ligada a motivos exteriores, e a terceira é portadora de uma razão prática por si mesma, sendo legisladora, autônoma e determinante da vontade. O ser humano possui livre arbítrio, podendo obedecer ou não à lei moral, haja vista essa estar relacionada com a natureza da razão, mas não com a natureza humana, que é finita e não segue tal lei. É na possibilidade de arbítrio que se inscreve o mal radical.

O segundo aspecto fundamental na compreensão do conceito em questão – a propensão para o mal na natureza humana – refere-se a uma possibilidade que os indivíduos têm de se desviar das leis morais, como uma propensão natural para o mal, que é inerente ao gênero humano e possui três níveis: a *fragilidade*, diante da tentação; a *impureza* do coração que mistura imoralidade à moralidade; a *maldade* ou *corrupção* do coração que, por possuir livre arbítrio inverte os valores, e torna o ser perverso. Quando se utiliza a lei para servir aos próprios caprichos em vez de servi-la, ou quando esta é cumprida por interesse ou medo, e não pelo bem da vida social, essa perversão do coração é residência do mal radical.

Admitindo o ser humano como conhecedor da lei moral, esse desvio de conduta é o terceiro aspecto considerado por Kant: o homem é mau por natureza. A disposição originária para o bem continua presente na natureza humana, com toda a sua pureza, embora a liberdade corrompa seu coração.

O mal radical está aderido à nossa existência ordinária, não sendo jamais um abismo de malignidade. A moral pode admitir o diabo; pelo menos como hipótese, mas não que o homem seja diabólico. [...] O homem (inclusive o pior) seja em que máximas for, não renuncia à lei moral, por assim dizer, rebelando-se (com recusa da obediência). Pelo contrário, a lei moral impõe-se-lhe irresistivelmente (KANT, 2008, p. 42).

A quarta questão possui uma incógnita proposital para que mantenha o pensamento ocupado com sua possível solução, evitando cair na ignorância, fonte do mal radical e da banalidade do mal. Essa incógnita é a possibilidade da descoberta da origem inteligível do bem e do mal. Nádía Souki, apoiada em Herrero, dá uma pista na busca racional da origem do mal, devido à impossibilidade temporal de se localizá-la: todos são responsáveis pelo mal cometido, já que se nasce com propensão a ele e dele se tem consciência. O mal seria o iniciador da própria história humana, pois no Jardim do Éden havia uma inocência absoluta antes da passagem humana do instinto à razão:

o surgimento da história se dá quando a razão se desprende de sua ligação com a natureza e com a animalidade, e o homem realiza pela primeira vez uma ação livre. Daí a célebre frase de Kant: 'A história da natureza começa pelo bem, pois é obra de Deus; a história da liberdade começa pelo mal, pois é obra do homem' (SOUKI, 1998, p. 31).

Embora Kant tenha analisado a questão a partir de um viés religioso e Arendt político, a convergência de suas teorias se dá na questão da destruição da dignidade humana através da transformação das pessoas em seres supérfluos:

O mal se realiza, tanto para Kant quanto para Hannah Arendt, quando o homem deixa de ser um fim em si mesmo, quando ele deixa de ter a primazia sobre tudo mais e torna-se um meio, um instrumento. Sua existência já não se justifica por si mesma, mas se torna condicionada a um valor utilitário, a um valor relativo às necessidades definidas pelas contingências históricas e políticas. Nessa relativização de valor a vida humana perde, também, seu significado, deixando de ser necessária e essencial, para ser insequente e banal. Aí, onde o homem é destruído em sua humanidade, a ação humana, que é essencialmente caracterizada pela espontaneidade e pela possibilidade de sempre poder iniciar, poder perene de começar e de fundar a novidade, é interdita em sua própria fonte: a liberdade (SOUKI, 1998, p. 135).

O direito à liberdade de ser o que se é, a viver em uma terra como cidadão, é usurpado por diferentes formas de não aceitação do outro. O romance *The Nature of Blood* (A natureza do sangue),

do anglo-caribenho Caryl Phillips, publicado em 1997, narra diferentes formas de marginalização e desterritorialização, também o extremo: a usurpação da vida alheia.

O livro é primoroso ao analisar o preconceito, pois não se limita a apenas um momento histórico, lugar ou ponto de vista. Ao contrário, aborda o tema a partir de visão ampla, que engloba mais de seiscentos anos de história, e enfoca dois dos grupos étnicos que mais persistentemente têm sido alvos da discriminação – os negros e os judeus. As quatro histórias que se embricam, diferentes, mas comparáveis, acrescentam, cada uma, nova dimensão ou nuance à discussão do tema. Os distintos tratamentos dados a cada situação finalmente se encaixam, provendo uma interpretação ampla de possibilidades para discutir o problema – infelizmente – universal e atemporal do preconceito.

Uma das personagens principais do romance é Eva Stern, jovem judia, residente na Alemanha com seus pais e a irmã Margot, é a personagem central de *The Nature of Blood*. Entre 1941 a 1945, sofre, juntamente com seu povo, com a perseguição. Passa pelo genocídio; sobrevivente, tenta retornar à vida social.

As vivências e memórias de Eva mostram um mundo governado pela banalidade do mal. Inteligente, percebe a gravidade da situação, e intui que muitos sonhos se despedaçarão. Relembrando uma conversa com a irmã, quando em um parque, traçam planos para uma futura possível maternidade, a protagonista raciocina que uma criança só pode habitar dois tipos de mundo: “he finds either a place of love or a place of hate. I knew that children are either a result of longing or a mistake” (PHILLIPS, 1997, p. 191).³ Embora dentro em pouco não só crianças, como todos os judeus viessem a se tornar uma incoerência aos olhos do estado, o ódio e o genocídio contra a criança, ao abortar uma vida recém iniciada, amplificam ainda mais o horror dessa prática.

Não bastasse o sofrimento de que é vítima por causa de sua raça, a protagonista ainda enfrenta a opressão da hegemonia masculina, que usa e manipula a mulher. Como Pierre Bordieu (1999, p. 17) comenta, a divisão entre os sexos é tão natural e tão presente que parece estar “na ordem das coisas”.

³ PHILLIPS, Caryl. *The Nature of Blood*. New York: Vintage, 1997. (Todas as citações foram retiradas desta edição). “quando ele entra no mundo, ele encontra ou um lugar de amor ou um lugar de ódio. Eu sabia que as crianças eram ou resultado do desejo ou de um erro”. (As traduções são do autor do artigo).

Contudo, no mundo social, ela legitima posições de diferença e preconceito, configurando-se como instância de dominação masculina:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa massa simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho [...]; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres. [...] A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BORDIEU, 1999, p. 18-20).

O referido sociólogo (1999, p. 33) chama a atenção, igualmente, para a construção simbólica da ideia de dominação, capaz de acumular e condensar duas operações: legitima “uma relação de dominação, inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada”.

Ao escolher expor a provação de Eva e de sua irmã Margot, como judias e como *mulheres*, Caryl Phillips parece evitar posições essencialistas. Ecoam no romance, antes, os pensamentos de Simone de Beauvoir (1987, p. 326): “ninguém nasce mulher; torna-se mulher” e de Primo Levi (*apud* LOMBARDI, 2003, p. 218): “fizeram com que me tornasse judeu. [...] Antes de Hitler eu era só um adolescente burguês”. Além disso, vale lembrar que questões de gênero estão inextricavelmente ligadas a questões de raça e classe, por constarem no mesmo plano da lista dos preconceitos até hoje praticados por uns e combatidos por outros.

Margot Stern, irmã de Eva, com apenas 17 anos, torna-se vítima da hegemonia e abuso masculino. Antes, porém, passa pela provação do isolamento: é levada para esconder-se na casa de uma família amiga, onde precisa viver no mais absoluto silêncio, no sótão. Lá, enfrenta a mais profunda solidão. Suas únicas companhias são um crucifixo, que ignora, pois não condiz com sua crença religiosa e uma amiga imaginária, chamada Siggie, com

quem não se atreve a conversar, para não ser descoberta; da mesma forma, Siggie não lhe dirige a palavra.

Depois, à solidão juntou-se o abuso:

Her hiding father told her that things were very bad, and then one night, when his wife was out, he came to visit her. He looked at her, and touched her, but Margot dare not scream, for to scream would be betray her hiding place. (*Right now you're a very pretty girl, but as you get older your racial character will show.*) And then he kissed her, and tried to open her lips with his big mouth, and Margot felt the weight of his heavy hands upon her. How hard this man concentrated as he pushed, the beads of sweat popping on to his brow, individual, evenly spaced. Margot began to count. Siggie said nothing. And then he peeled himself clear of her body and left. Inside she bled, and her mind tumbled down a flight of stairs and struck its head (PHILLIPS, 1997, p. 175).⁴

Rudião Rafael
Wisniewski

132

A violência praticada pelo dono da casa é ainda mais cruel por tentar justificar a posse masculina sobre o corpo da jovem que estava abrigoando e alimentando, como se estivesse fazendo um favor a ela de desfrutar de sua beleza antes que suas características judaicas afforassem – conforme expresso em itálico na citação. Margot, que já estava escondida há mais de um ano, pensando na crueldade enfrentada por seu povo diariamente e em sua amarga solidão, descobre que a maldade humana pode ultrapassar sua imaginação. Da mesma forma, o leitor descobre que tal maldade pode ultrapassar sua compreensão. Com um vazio de pensamento assombroso, o homem que a acolhe passa de benfeitor a algoz, daquele que apoia alguém em situação de risco, ao que dela tira proveito, aniquilando-lhe a mente com um ato de barbárie.

A partir daquele momento, Margot se rebela contra sua beleza e feminilidade, e também contra sua raça. Corta os cabelos na tentativa de acabar com sua estética atraente. Foge aos gritos, sem importar-se com os alemães que poderiam pegá-la, pois as-

⁴ “O patriarca de onde estava escondida disse-lhe que as coisas estavam muito ruins, e então uma noite, quando sua esposa estava fora, foi visitá-la. Ele olhou para ela, e tocou-a, mas Margot não ousou gritar, pois gritar seria trair seu esconderijo. (*Agora você é uma garota muito bonita, mas à medida que envelhecer, suas características raciais aparecerão.*) E então ele a beijou, e tentou abrir seus lábios com sua boca grande, e Margot sentiu o peso da sua mão pesada sobre ela. Que dureza esse homem concentrado enquanto empurrava, as gotas de suor surgindo sobre a testa, individuais, uniformemente espaçadas. Margot começou a contar. Siggie não disse nada. E então ele retirou-se tranquilo de seu corpo e saiu. Dentro ela sangrou, e sua mente caiu por um lance de escadas e bateu a cabeça”.

simila a ideia de que seus traços judaicos a denunciariam e seria morta injustamente. Perturbada, é pega pelos nazistas e enviada a um campo de concentração, onde morre nua entre estranhos.

“She paid dearly for the sin of being born” (PHILLIPS, 1997, p. 175).⁵ Como reflete o narrador-onisciente, o único crime praticado pela personagem é ter nascido. E ter nascido mulher, bonita e judia. A narradora-personagem encerra o parágrafo questionando o leitor, para verificar se o horror a ela imposto o motivaria a tomar uma posição contrária, levando-o a evitar a repetição de fatos como esse, ou se teria assimilado a mentalidade que, na melhor das hipóteses, suporia a morte como o melhor fim para acabar com o sofrimento de uma moça judia, abusada psicológica e sexualmente. *“(Did you think of me that morning as I stumbled naked and shivering towards my death? Did you think of me?)”* (PHILLIPS, 1997, p. 175-176).⁶

Quanto a Eva, torna-se vítima de Gerry, o qual lhe faz falsas promessas, não se importando com a fragilidade de uma sobrevivente. Pelo contrário, aproveita-se de sua debilidade, e depois mente não ser sua a carta com o pedido de casamento e o endereço na Inglaterra. Em seu androcentrismo, pensa que um bolo e uma desculpa podem redimir um erro que acaba com a vida de Eva, pois ele era sua última esperança de conexão com um mundo sem o horror diário. Gerry pretende que ela compreenda que “men do awful, unforgiven things in war” (PHILLIPS, 1997, p. 197).⁷

Não é, porém, o contexto de guerra que o leva a flertar irresponsavelmente com Eva. Ao invés de confessar ser casado com Noreen, com quem tem um filho, Gerry vai a um bar flertar com uma garota de 16 anos que trabalha como garçoneiro no local, para esquecer a Eva. Retorna ao local todos os dias, por semanas, para ver a jovem chamada Íris. Seu desejo era dominá-la como fez com Noreen, e desejara fazer com Eva. Dominação com o subterfúgio da proteção: “it occurred to him that young girls needed protecting” (PHILLIPS, 1997, p. 179).⁸

⁵ “Ela pagou caro pelo pecado de ter nascido”.

⁶ *“(Você pensou em mim na manhã em que eu tropecei despida e com frio em minha morte? Você pensou em mim?)”*.

⁷ “os homens fazem coisas terríveis, imperdoáveis na guerra”.

⁸ “ocorreu-lhe que as moças precisam de proteção”.

Foi crente em sua superioridade racial que Hitler difundiu as ideias capazes de estabelecer uma situação de horror jamais imaginada na história da humanidade, não pela violência física, mas pela agressão psicológica das vítimas. Cada uma delas, tal qual Margot, sentiu como se sua mente estivesse rolando escada abaixo, tamanha a perturbação causada pela maldade contra elas perpetrada.

A solidão causada pelo isolamento dos campos de concentração era ainda pior, um afastamento total do convívio social. As vítimas não sabiam o que estava acontecendo no mundo fora do ambiente em que estavam confinadas. Da mesma forma, a sociedade não tinha a dimensão dos trabalhos forçados, da falta de alimentação e da degradação impostas pelos nazistas.

Eva tenta com todas as suas forças não deixar sua humanidade se esvaír, tornando-se supérflua. Procura sempre estar em contato e manter laços de afeto com alguma das mulheres do campo nazista. Mas a vida naquele lugar, que mais parece a materialização do inferno, é escassa. Sua amiga Bella, cuja jovialidade a inspira a prosseguir, morre de forma humilhante, fraca e com incontinência fecal. As mulheres que adota como mãe também não sobrevivem.

Em uma das passagens do livro, a personagem central sonha com os horrores praticados com as crianças nos campos de concentração:

I saw the man take the older children and walk them to a large ditch, where one by one they were thrown into the fire. I listened to their wailing above the crackling of the flames. Having dispatched the last child, he walked back to where the infants were huddled with their mothers. One by one, he picked them up by the legs and smashed them against a brick wall. The pulped corpse of the infant was then pushed back into mother's arms to prevent unnecessary littering (PHILLIPS, 1997, p. 192-193).⁹

Enquanto esperam para ser enviados ao campo de refugiados, os judeus continuam morrendo sobre *“their own excrement*.

⁹ “Eu vi o homem levar as crianças mais velhas e caminhar com elas até uma grande vala, onde uma a uma, elas foram jogadas no fogo. Eu ouvi suas lamentações sobre o crepitar das chamas. Tendo despachado a última delas, ele voltou para onde as mais jovens aconchegavam-se com suas mães. Uma por uma, ele pegou-as pelas pernas e esmagou-as contra uma parede de tijolos. O cadáver de polpa da criança era atirado de volta aos braços da mãe, para evitar lixo desnecessário”.

Everybody is covered in lice”,¹⁰ Eva observa. E prossegue: “*I am covered in lice. My body is withered. The light breeze fingers my stubbled head. The few teeth I have left are either broken or misdirected. I can feel them with my tongue*” (PHILLIPS, 1997, p. 13).¹¹

Ao viver tanto horror, muitas pessoas são reificadas, esquecendo-se do próprio nome. Eva tenta fazer o mesmo, apagar o símbolo de sua individualidade, pois havia sido arrancada de seu meio, não tendo mais quem precisasse chamá-la pelo nome: “*I try to forget my name. I decide to put Eva away in some place for safe-keeping until all of this is over. But already Eva refuses to be hidden. There is no new name in my throat. Eva refuses to disappear*” (PHILLIPS, 1997, p. 164).¹² Todavia, sua humanidade não se esvai diante do horror, e esse é um dos motivos pelos quais sobrevive.

Quando muitos esquecem quem são, Eva mantém em sua memória, apesar de relutante, a certeza de quem é, como informa no campo de refugiados: “*My name is Eva Stern. I am twenty-one years old. Just when I think I am going to fall, I flap my wings*” (PHILLIPS, 1997, p. 35).¹³ Depois disso, reforça a ideia de despertencimento quando uma mulher lhe pergunta se alguém de sua casa viria buscá-la e se pretendia voltar ao lar. Eva fica indignada, não acredita na ignorância da mulher que chama a Alemanha de “lar”: “*How can she use the word ‘home’? It is cruel to do so in such circumstances. I cannot call that place ‘home’. ‘Home’ is a place where one feels a welcome*” (PHILLIPS, 1997, p. 37).¹⁴ Se pertencessem à Alemanha, se esse país fosse seu lar, não teria sofrido toda a humilhação do gueto nem sido enviada ao campo de concentração.

Uma passagem da senhora Stern serve de exemplo de como a literatura pode auxiliar no processo de redução da irreflexão: ao aconselhar a filha a tomar cuidado com os gestos e relembrar

¹⁰ “seus próprios excrementos. Todo mundo está coberto de piolhos”.

¹¹ “Eu estou coberta de piolhos. Meu corpo está atrofiado. A brisa suave toca minha cabeça raspada. Os poucos dentes que me restam estão quebrados ou mal direcionados. Eu posso senti-los com a minha língua”.

¹² “Tento esquecer o meu nome. Eu decidi colocar Eva fora, em algum lugar protegido, até tudo isso acabar. Mas já Eva se recusa a ser escondido. Não há nenhum nome novo na minha garganta. Eva se recusa a desaparecer”.

¹³ “Meu nome é Eva Stern. Eu tenho 21 anos de idade. Quando percebo que vou cair, eu bato minhas asas”.

¹⁴ “Como ela pode usar a palavra ‘lar’? É cruel fazê-lo em tais circunstâncias. Eu não posso chamar aquele lugar de ‘lar’. ‘Lar’ é um lugar onde você se sente bem-vindo”.

o despertencimento de seu povo, começa a pensar em voz alta: *“Eva, where in the world is the United States? Where is Russia, even? One day you are neighbours, the next day they spit on you. We are stupid for being proud to be what we are not, do you understand?”* (PHILLIPS, 1997, p. 93).¹⁵ Esse desabafo é uma crítica às relações internacionais dos judeus, pois não receberam ajuda dos Estados Unidos e Rússia, bem como de outros países com judeus influentes. Na sequência, a mãe de Eva se indigna com a banalidade do mal, cujos perpetradores esqueceram-se ter sido criados em uma sociedade com valores religiosos, entre os quais o mandamento “Não matarás!”: *“In this world, you do not shoot people without a reason. There has to be a reason. How is it possible to be so angry with people who have done you no wrong?”* (PHILLIPS, 1997, p. 93).¹⁶

A pergunta da personagem levanta a questão da irreflexão e superfluidade do ser humano, e sua suscetibilidade a crer na doutrina racial, motivo pelo qual o mal foi praticado, negando a possibilidade de uma humanidade comum. Hannah Arendt frisa que humanidade pressupõe responsabilidade geral, uma qualidade que poucos querem assumir. Basta lembrar Eichmann, quando afirma que seria condenado apenas por ter perdido a guerra, ou a entrevista apresentada por Raymond A. Davies, quando o entrevistado chora, julgando não ser culpado dos assassinatos ocorridos no campo em que trabalhava, ou ainda Himmler, que tal qual Eichmann e outros tantos, não assumiu a responsabilidade por julgar-se um pai de família cumpridor de seu dever. Essa não imputação decorre da não aceitação dos outros como “próximos”. Ao negar a humanidade, exclui-se da responsabilidade pelos atos humanos, pois os crimes cometidos por alguns são ônus de todas as nações. “A vergonha de ser humano é a expressão puramente individual e ainda política dessa percepção” (ARENDRT, 2008, p. 160). Ao desenvolver sua ideia de humanidade, Arendt diz que a responsabilidade pelos crimes cometidos contra os seres humanos é de todos:

¹⁵ “Eva, onde no mundo são os Estados Unidos? Onde é a Rússia, mesmo? Um dia vocês são vizinhos, no dia seguinte, eles cospem em você. Somos estúpidos por nos orgulharmos de ser o que não somos, você entende?”

¹⁶ “Neste mundo, você não atira em pessoas sem uma razão. Tem que haver uma razão. Como é possível ter tanta raiva de pessoas que não lhe fizeram nenhum mal?”

Em termos políticos, a ideia de humanidade, que não exclui nenhum povo e não atribui o monopólio da culpa a nenhum deles, é a única garantia de que uma após a outra ‘raça superior’ não se sinta obrigada a seguir a ‘lei natural’ do direito dos poderosos, e a exterminar as ‘raças inferiores indignas de sobreviver’ de modo que, ao final de uma ‘era imperialista’, estaríamos num estágio em que os nazistas iriam parecer os toscos precursores de futuros métodos políticos. Seguir uma política não imperialista e manter um credo não racista se torna cada vez mais difícil, porque a cada dia fica mais claro o peso da humanidade para o homem (ARENDDT, 2008, p. 160).

Contudo, esse é o preço de ser racional: ter consciência de que faz parte da raça humana, e de que não se deve agir instintivamente para proteger o bando. Quando outras pessoas são humilhadas, é a própria dignidade humana que está em jogo, sobretudo quando as consequências resultam em estruturas injustas que continuam sendo sustentadas na sociedade atual. Há que se libertar do estigma da discriminação, qualquer que seja, para a construção de uma sociedade mais justa, onde não haja dificuldade de conviver e aceitar os outros.

A estrutura existente possibilitou os horrores narrados por Phillips em um espaço temporal que compreende 500 anos, mas reflexo de fatos anteriores a 1480. Um povo tão ligado à memória, cujas celebrações religiosas são fruto dela, tem dificuldade até de viver seu luto, como diagnosticou o médico de Eva:

They are often incapable of succesful mourning, fearing that this act of self-expression involves a letting go, and therefore a forgetting of the dead, ultimately committing the deceased, often loved ones, to oblivion. Their condition serves a commemorative function, suggesting a loyalty to the dearly departed. Naturally, their suffering is deeply connected to memory. To move on is to forget. To forget is a crime. How can they both remember and move on? (PHILLIPS, 1997, p. 156-157).¹⁷

Mesmo saindo do campo de concentração, Eva não pode

¹⁷ “Eles são frequentemente incapazes de efetivamente viver o luto, temendo que este ato de autoexpressão envolva um deixar ir, e, portanto, um esquecimento dos mortos, em última análise, depositando o falecido, geralmente entes queridos, ao esquecimento. Sua condição tem uma função comemorativa, sugerindo uma lealdade ao benquisto que se foi. Naturalmente, o sofrimento está intimamente ligado à memória. Seguir em frente é esquecer. Esquecer é um crime. Como eles podem lembrar e seguir em frente?”

evitar as imagens das cenas lá vividas. Pesadelos passam a ser companhias desagradáveis: até acordada não lhe saem da mente pensamentos sobre tentativas de fuga, perseguição, morte de familiares. Deseja poder suplantar tantas adversidades. Enquanto ruma para o campo de refugiados sonha com uma fuga do campo nazista em que sua mãe a acompanha, mas não é fácil fugir de tantos guardas e dos cães que as perseguem: “*If only she might be scooped up by some large celestial hand and gently deposited across water and into some other world*” (PHILLIPS, 1997, p. 183).¹⁸ Mas seu pesadelo maior e recorrente, comum a todas as vítimas, é o de que ninguém acredite na possibilidade de tamanho horror ter realmente acontecido:

I dreamt that nobody believed me. That I was in America and I was telling some people my story, the despondent words falling from my mouth. Just my story. (... *dazed children wandering the streets, searching for their parents...*) They looked at me, their faces marked with respect, and they nodded with cultivated fascination. Nobody wished to offend me. And then a man looked at his watch. In America (PHILLIPS, 1997, p. 34).¹⁹

Eva não consegue seguir em frente. Impossibilitada em seu desejo de reencontrar a família e traída em seu desejo de começar outra, não conseguindo fazer Gerry entender a importância que tem nesse recomeço, pois é seu único elo com o mundo além-campo. Ao perceber-se sozinha, desta vez em definitivo, emudece, por não haver a quem transmitir o legado da memória do horror. Se não consegue esquecer, nem seguir em frente, não há razão para existir. Uma faca corta o sopro de vida tantas vezes engasgado pelo nazismo.

Sem diminuir o alcantiloso trabalho do povo de Judá para sobreviver, embora com dificuldade, a resposta à pergunta do médico de Eva – Como eles podem lembrar e seguir em frente? – pode ser: cumprindo o papel a que seu povo se propõe. A missão de fazer do horror a motivação para seguir em frente, rememo-

¹⁸ “*Se ela pudesse ao menos ser arrancada dali por alguma grande mão celestial e suavemente depositada além das águas em algum outro mundo*”.

¹⁹ “Eu sonhei que ninguém acreditava em mim. Que eu estava na América e estava contando para algumas pessoas a minha história, as palavras desesperadas caindo da minha boca. Apenas minha história. (...*crianças atordoadas vagando pelas ruas, procurando por seus pais...*) Eles olharam para mim, seus rostos marcados com respeito, e acenaram com a cabeça com um enlevo culto. Ninguém queria me ofender. E então um homem olhou para o relógio. Na América”.

rando-o e comemorando a passagem por ele, de forma que as gerações futuras não precisem enfrentá-lo e sigam utilizando sua tradição para a construção de uma humanidade melhor.

Talvez aqueles judeus, a cujos antepassados devemos a primeira ideia de humanidade, soubessem alguma coisa a respeito desse peso, quando diziam a cada ano: 'Nosso Pai e Rei, pecamos perante Ti', tomando a si não só os pecados da comunidade, mas todas as ofensas humanas (ARENDETT, 2008, p. 160).

Após enfrentar as dificuldades de precisar deixar uma casa grande e confortável para viver em um gueto, testemunhar a crueldade contra seu povo nas ruas, ser afastada dos familiares, sobreviver ao horror extremo do campo de concentração nazista e passar pelo campo de refugiados, Eva chega a Londres, em busca da reconstrução de sua vida, e da construção de uma nova família.

Ao decepcionar-se com Gerry, a esperança se esvai e não suporta carregar mais uma dor. Como Cytrynowicz comenta,

A solidão do sobrevivente é dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isto se transfigurou em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos – máxima semelhança – se tornaram assassinos de um povo (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 136-137).

Não encontrando sua “terra prometida”, sem família, sem amor, sem saúde, sem esperança, Eva é tomada pela loucura. Despede-se da representação de si mesma criada por sua mente, sua autoprojeção, dizendo que tudo ficará bem e, então, dá um fim à sua dor. Após a tentativa falha de erguer as ruínas de sua vida, o que resta a ela é uma oportunidade para tirar a própria vida:

Mesmo a intenção consciente de cometer suicídio escolhe sua época, seus meios e sua oportunidade; e é perfeitamente consonante com isso que a intenção inconsciente aguarde uma ocasião que possa tomar a seu encargo parte da causação e que, ao requisitar as forças defensivas do sujeito, liberte a intenção da pressão destas (FREUD, 1996, p. 183-184).

Cada sobrevivente possui uma história de superação, um motivo que o fez permanecer confiante de que tamanho horror acabaria. Muitos sobrevivem para contar, testemunhar o horror, para que a humanidade saiba como é o ápice da crueldade. Alguns escreveram diários, provavelmente por temer que as palavras lhes faltassem, e a memória se apagasse. Um exemplo conhecido é Anne Frank, cujo diário, que relata sua história sob o domínio nazista, tornou-se extremamente popular. De muitas outras formas mulheres ainda tentam sobreviver às violências cotidianas. Diversas não conseguem. Sobreviver significa resistir, enfrentar, atravessar, escapar. Havendo vencido todos esses obstáculos nos campos de concentração, restava a Eva ser capaz de enfrentar a existência, encarando mais um significado de sobreviver: continuar existindo depois de grave perda. Demasiado ferida na alma, Eva perdeu essa última batalha.

Jewish women in times of thoughtlessness

Abstract: This paper aims at investigating how racial and gender discrimination is represented in Caryl Phillips' *The Nature of Blood* (1997), applying the concept of "the banality of evil", as proposed by Hannah Arendt. With the theoretical support of Beauvoir, Bourdieu, Cytrynowicz, Freud, Kant, among others, we investigated how prejudice is present in the lives of the characters Eva and Margot Stern, representatives of two minorities: women and Jews, – leading them to death. We concluded the Holocaust's horrors were committed by "thoughtlessness", and if not observed and avoided, they may be repeated, because there are still cases of exclusion and marginalization motivated by racial intolerance, besides violence against women, caused by male hegemony's banality of evil.

Keywords: Jewish women. Banality of evil. *The Nature of Blood*.

Referências

ARENDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalita-*

rismo (ensaios). Trad. Denise Bottman. Org. Jerome Kohn. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 496 p.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1987. 935 p.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 158 p.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura – o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 123-138.

FREUD, Sigmund. Psicopatologia da vida cotidiana. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 183-184.

KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Morão. Covilhã: LusoSofia, 2008. 234 p.

LOMBARDI, Andrea. Onde está nosso irmão Abel? In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História, memória, literatura – o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 209-225.

PHILLIPS, Caryl. *The Nature of Blood*. New York: Vintage, 1997. 224 p.

SOUKI, Nadia. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: PUC, 1998. 152 p.

